

O narrador e o etnógrafo: uma leitura de *Argonautas do pacífico ocidental*, de Malinowski

Manuela Souza Siqueira Cordeiro*

Introdução

No prefácio da obra *Argonautas do Pacífico Ocidental*, de Bronislaw Malinowski, James Frazer afirma: “O cientista, assim como o literato, tende a ver a humanidade somente em abstrato, selecionando para suas considerações apenas um aspecto dos muitos que caracterizam o ser humano em sua complexidade” (MALINOWSKI, 1984: 6). Com esta passagem, Frazer argumenta que tanto no texto literário quanto no científico, há uma opção pela forma e aspectos pelos quais a humanidade é apresentada.

A antropologia, como ciência ainda nascente no momento da escrita de *Argonautas do Pacífico Ocidental*, enfrentava uma multiplicidade de problemas em relação a sua legitimidade no campo científico. As denominadas *hard sciences* operavam a partir do isolamento das propriedades a serem observadas, realizando claramente uma fragmentação de seu objeto para estudá-lo. Desta forma, a proposta de estudar a “totalidade integrada da natureza humana” não fazia parte do paradigma científico da época. Porém, Frazer demonstra que Malinowski não se deixa levar pelo recorte abstrato do “todo” a ser estudado, preocupando-se, em grande medida, com a apresentação da “totalidade integrada” da vida nativa, isto é, não apenas a troca econômica, fim último do *Kula*, mas as motivações, paixões e rituais intrínsecos a esta instituição.

Desta forma, apesar de realizar um isolamento de certas características da natureza humana ao observar os trobriandeses, o autor propõe estudar a “totalidade” das motivações e reações humanas, isto é, descreve um personagem motivado por múltiplos aspectos. Mais do que uma simples descrição de

* Mestre pelo Programa de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ), 2010, e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ). Endereço eletrônico: cordeiro.manuela@gmail.com.

um processo de trocas econômicas, havia motivações, paixões; era uma descrição com “carne e sangue”, percebendo o imponderável como também constitutivo da “natureza humana”. O que seria, portanto, o personagem malinowskiano imbuído desta citada “totalidade”? Frazer, ainda no prefácio, realiza uma comparação da compreensão da “totalidade da natureza humana” em Malinowski aplicada à narrativa de sua obra, com exemplos da literatura. De um lado, Molière utiliza uma operação literária de forma a construir em suas obras personagens sempre parciais, como o “avarento”, o “hipócrita”, tipos ideais, abstrações que não refletem a “totalidade” inerente à “natureza humana”. Ao passo que em Cervantes e Shakespeare, esta operação é diversa, isto é, não há sacrifício da “totalidade” dos personagens pelo efeito literário.

Este artigo tem como objetivo aplicar à obra *Argonautas do Pacífico Ocidental* as duas leituras de “natureza humana” identificadas por Frazer. Procuo, por um lado, evidenciar em quais passagens do texto Malinowski realiza a seleção de aspectos abstraídos desta; e, por outro, verificar em quais momentos da obra há o tratamento analítico da “vida nativa” sem redução da “totalidade integrada da natureza humana”. A partir dessa diferenciação, proponho duas noções – “modelo” como a forma descritiva caracterizada pela parcialidade, e “modulação” como o estilo que aborda a “totalidade”.

Para tanto, os principais eixos de análise deste artigo são: a organização das informações de campo no texto etnográfico, as orientações metodológicas do autor e sua posição na relação sujeito-objeto no trabalho antropológico. Este artigo está dividido em cinco seções, a contar com a Introdução. Na seção seguinte, explico os procedimentos metodológicos utilizados por Malinowski em *Argonautas* apresentados na sua Introdução. Adiante, ofereço uma leitura possível do livro, a partir, principalmente, das diferentes temporalidades das construções narrativas dos capítulos. Posteriormente, apresento alguns elementos da obra de Malinowski, tais como: o marco literário, a produção de sínteses provisórias, o movimento em sua narrativa e, por último, faço algumas considerações finais.

Procedimentos metodológicos

Antes de analisar a estruturação do trabalho de Malinowski, realizo uma revisão da Introdução de sua obra que esmiúça os pressupostos metodológicos do seu trabalho etnográfico.

No primeiro capítulo, o autor descreve a formulação do passo-a-passo de sua conduta de pesquisa. Isto somente foi possível por meio da “observação participante”, considerada a grande inovação na sua abordagem metodológica. Assim, a busca pela “totalidade” vai ser trabalhada durante o processo de construção dos dados etnográficos. Nesta, o antropólogo observa e molda o seu pensamento etnográfico por meio das categorias que estão sendo estudadas em campo, aprendendo a língua, os costumes, contando principalmente com a não-interferência de outro “homem branco”. Assim, é importante que o antropólogo, tal como Frazer afirma no prefácio, dedique-se ao mergulho no mundo nativo e, a partir deste, faça as construções etnográficas. Ao comparar a etnografia com outras ciências, levando em conta o estilo científico da época, Malinowski reforça a necessidade de o pesquisador explicitar a construção dos dados observados:

A etnografia, ciência em que o relato honesto de todos os dados é talvez ainda mais necessário que em outras ciências, infelizmente nem sempre contou no passo com um grau suficiente deste tipo de generosidade. Muitos dos seus autores não utilizam plenamente o recurso da sinceridade metodológica ao manipular os fatos e apresentam-nos ao leitor como tirados do nada. (*idem*, p. 8).

Portanto, é necessário esse laborioso movimento de transformação em dados a partir de um material de pesquisa que é baseado em memórias “acessíveis, mas também extremamente enganosas e complexas” (*Idem*, p. 9). Os procedimentos metodológicos são apresentados de forma propositiva na Introdução: “Com efeito, o treinamento científico tem por finalidade fornecer ao pesquisador um ‘esquema mental’ que lhe sirva de apoio e permita estabelecer o roteiro a seguir com seus trabalhos” (*idem*, p. 5); posteriormente, são dinamizados na construção narrativa de sua obra.

O objetivo apontado por Malinowski na Introdução é: reconstituir o *Kula*, instituição através da qual se pode chegar a uma síntese da sociedade trobriandesa. O próprio autor admite ter feito vários esboços dessa instituição que suscitavam novos desafios e questões a cada tentativa. Para Malinowski, os elementos metodológicos orientam o processo de construção da narrativa, mas não a engessam. Isto é, utilizando a diferenciação elaborada neste artigo, a proposição de modelos não pode impedir a possibilidade de modulações, na medida em que os dados de pesquisa são trabalhados. Em suas palavras: “Se

um homem parte numa expedição sobrecarregado a provar certas hipóteses e é incapaz de mudar seus pontos de vista constantemente, abandonando-os sem hesitar ante a pressão da evidência, sem dúvida seu trabalho logo será inútil” (*Idem*, p. 22). Ademais, o trabalho empreendido por Malinowski não se destina a simplesmente compreender uma instituição em particular: ao estudar os mecanismos que regem as trocas próprias a esta instituição, o autor pôde decompor os diversos aspectos da cultura trobriandesa, como parentesco, economia, rituais, religião e outros.

Além disso, o autor tem como pano de fundo a preocupação com a produção de uma “sociologia nativa”. No entanto, ressalta:

Mas esses elementos, apesar de cristalizados e permanentes, não se encontram formulados em lugar nenhum. Não há códigos de lei, escritos ou expressos explicitamente; toda a tradição tribal e sua estrutura social inteira estão incorporadas ao mais elusivo dos materiais: o próprio ser humano (*Idem*, p. 4).

No que tange à metodologia adotada, Malinowski postula que é necessário utilizar o primeiro momento de contato com os nativos para realizar um recenseamento da aldeia, isto é, analisar o material considerado “morto” que não alcança a mentalidade dos nativos. Ao mesmo tempo, segundo o autor, o pesquisador deve proceder de modo a alcançar o comportamento dos nativos, conhecer os critérios da etnografia moderna, possuir boas condições de trabalho, isto é, não ficar próximo dos “brancos” e também possuir certos métodos de coleta, manipulação e registro das evidências. Somente ao utilizar esses procedimentos metodológicos, o etnógrafo é capaz de atingir a “atitude mental” do nativo.

Ao longo do texto, percebe-se que uma das características narrativas de Malinowski é a construção de seus postulados e fornecimento de um resumo, um quadro sinótico de suas observações e argumentações. É exatamente isso que consiste na “primeira e principal questão metodológica” que se materializa no levantamento exaustivo de manifestações concretas para dispô-las em um quadro sinótico, quando possível, e, assim, obter um esboço fidedigno da cultura nativa. No entanto, essas sínteses não representam fins em si mesmas, mas funcionam como trampolins para novas articulações conceituais e descritivas que estão em constante deslocamento, como a própria estrutura do livro – uma viagem que se aproxima do *Kula* como “instituição”, isto é, se aproxima do objeto de análise que, portanto, não é dado *a priori*.

Ademais, segundo Malinowski, não se deve proceder a um “levantamento de dados” *per se*, que garanta apenas a apresentação do esqueleto da constituição tribal, sendo necessário acrescentar “carne” e “sangue” a esses dados. Isto significa que se deve apreender o fluxo regular da cultura nativa e seus acontecimentos cotidianos, aquilo que o etnógrafo chama de “imponderáveis da vida real”. Estes fenômenos são de suma importância e não podem ser apreendidos com instrumentos de pesquisa tais como questionários ou entrevistas, e sim por meio da observação participante. Malinowski cita alguns desses fenômenos como “a rotina do trabalho diário do nativo; os detalhes de seus cuidados corporais, o modo como prepara a comida e se alimenta” (*Idem*, p. 29), entre outros. Isto porque, mesmo que às vezes escamoteada pelo autor, a observação participante instaura um diálogo ao longo dos capítulos. Assim, a experiência antropológica oferece não a transformação do que é observado em entidades fixas, mas em narrativas possíveis para a interpretação do que o autor denomina como características essenciais do pensamento nativo.

Em resumo, na Introdução de *Argonautas do Pacífico Ocidental*, Malinowski esboça os elementos metodológicos propostos para observar uma determinada vida nativa. Em primeiro lugar, os atos culturais cristalizados formam o esqueleto da tribo, aspectos da “vida mental” que são organizados por meio de terminologias nativas para fornecer o *background*. Em segundo, a vida cotidiana em cenas transcritas, reconstruídas ou comparadas pelo etnógrafo fornece os dados para a “carne” e o “sangue”. Além disso, considera necessário levar em conta os pontos de vista, opiniões e palavras dos nativos que conformam o “espírito” dos mesmos e a estrutura narrativa de sua obra, que revê os postulados metodológicos, conforme a análise se delinea. Assim, a utilização dos elementos metodológicos propostos pelo autor produz “princípios sociológicos” precários, como ele mesmo ressalta, isto é, modelos provisórios que vão sendo modulados para atingir a “totalidade integrada” da vida trobriandesa.

“Carne”, “sangue” e “espírito” em *Argonautas do Pacífico Ocidental*

Nesta seção, faço uma leitura da obra de Malinowski, a partir do agrupamento dos capítulos, de acordo com suas construções narrativas, e com o conteúdo que o autor explorou em cada um delas. Desta forma, examino os elementos metodológicos propostos pelo autor, explicitando em seguida

os critérios para tais subdivisões. O principal eixo para o agrupamento dos capítulos são as maneiras diferentes de descrição do percurso do *Kula*, o que muda a temporalidade da estrutura narrativa.

Do primeiro capítulo até o sexto, tem-se a fisionomia ou o “esqueleto” do trabalho, uma vez que o autor fornece elementos para o entendimento do *background da vida* dos tipos nativos, sua terra e sua cultura. Esses são agrupados como a primeira subdivisão de “Argonautas” proposta por este artigo. No primeiro capítulo, ele relata a escolha do seu distrito de *Kula* para estudo, fornecendo imagens vívidas de sua viagem até chegar aos nativos. A seção III do capítulo I é dedicada a mostrar a viagem irregular que o autor realiza, conhecendo superficialmente as tribos que habitam o arquipélago, antes de chegar à laguna das ilhas Trobriand, quando fornece imagens minuciosas tanto dos aspectos geográficos encontrados no caminho, quanto dos elementos mais imediatamente visíveis nas tribos contactadas. Ao proceder a uma descrição das divisões políticas, o autor demonstra que a vida política, bem como a religião, a magia e a economia estão inter-relacionadas, sendo a organização social a base que sustenta a fundamentação de todos esses elementos.

A partir do terceiro capítulo, o autor postula a respeito das características essenciais do *Kula*. Constrói uma definição de seu objeto: “O *Kula* é uma forma de troca e tem caráter intertribal bastante amplo; é praticado por comunidades localizadas num extenso círculo de ilhas que formam um circuito fechado (...)” (*Idem*, p. 71). Desta forma, o *Kula* permeia todos os aspectos da vida dos nativos, o que pode ser apreendido na seguinte passagem:

O *Kula* é, portanto, uma instituição enorme e extraordinariamente complexa, não só em extensão geográfica, mas também na multiplicidade de seus objetivos. Ele vincula um grande número de tribos e abarca um enorme conjunto de atividades inter-relacionadas e interdependentes de modo a formar um todo orgânico (*idem*, p. 71-72).

Um dos aspectos mais relevantes do capítulo VI é a afirmação de que o autor não busca uma história ou origem dos costumes de troca nas ilhas Trobriand, mas sim a psicologia atual que fundamenta os atos dos nativos, isto é, volta a enfatizar o objetivo de seu investimento etnográfico que é atingir a “atitude mental dos nativos”. Ademais, ressalta que este procedimento vem

sendo trabalhado paulatinamente ao longo da obra. Para tanto, Malinowski define o *Kula* como a mais alta expressão nativa de valor, acrescentando que, para entendê-lo, deve-se precisar o processo psicológico que o fundamenta. Comenta também o postulado do “Homem Primitivo” ao definir valor para os trobriandeses: “O valor não é resultante da utilidade ou da raridade, intelectualmente combinadas, mas sim o resultado de um sentimento que se desenvolve ao redor das coisas que, satisfazendo necessidades humanas, são capazes de provocar emoções.” (*Idem*, p. 135).

Findados os aspectos descritivos necessários ao entendimento das tribos que habitam o arquipélago – o processo de construção das canoas, a explicação do rol de presentes e suas relações sociológicas, bem como o procedimento de trocas no *Kula*, isto é, o *background* narrativo para os leitores –, nos capítulos VII a XV, o autor inicia a descrição de uma viagem *Kula* de Sinaketa a Dobu. Esse conjunto de capítulos é a segunda subdivisão do trabalho de Malinowski proposta por este artigo. A viagem realizada pelo etnógrafo reproduz a sua aproximação dos nativos. Em cada um desses capítulos, o autor entremeia descrições minuciosas das paisagens que observa na expedição, com os rituais necessários para o desenvolvimento da expedição marítima a cada parada das canoas. Inicia também descrições dos rituais necessários para que as canoas possam ser lançadas ao mar; os tabus que principalmente os *toliwaga* (proprietários das canoas) tanto de Sinaketa quanto de Dobu têm de observar; a execução de outros rituais mágicos pelos membros do resto da tripulação e a presença na canoa de outros nativos que nunca participaram da cerimônia. Outras séries de rituais mágicos são cuidadosamente descritas por Malinowski até que as canoas são colocadas ao mar todas juntas. Nesse momento, as mulheres devem observar alguns tabus, uma vez que não viajam junto com a expedição *Kula* – não devem sair da aldeia sozinhas, nem receber visitas masculinas e manter-se fiéis aos seus maridos na sua ausência, sob pena das canoas navegarem lentamente.

É interessante a passagem na qual o autor relata ter adoecido pouco tempo depois de ter ficado nas plataformas de canoas na praia: conforme a explicação que ouviu dos nativos, era que ele havia sido chutado pelas *mulukuasi* (“bruxas voadoras”). A partir do momento em que um nativo proferiu fórmulas mágicas e Malinowski se livrou da enfermidade, a cura foi atribuída a esta intervenção. Tal descrição demonstra a preocupação com a “totalidade integrada da natureza humana” na condução da etnografia.

Isto foi possível graças à aproximação entre o autor e os nativos, enquanto personagens totais, isto é, constituídos também por elementos imponderáveis e não redutíveis às abstrações do etnógrafo.

Especificamente no capítulo X, Malinowski trata dos “documentos etnográficos”. Estes representam o modo como as explicações são contadas e repetidas pelos nativos e o autor inclusive apresenta posteriormente, no texto etnográfico, vários documentos desse tipo. Portanto, segundo Malinowski, é necessário que ao ouvir inúmeras vezes a mesma história, o etnógrafo seja capaz de imprimir a devida ordem ao “documento etnográfico” ainda bruto. Assim, aplicando uma das noções propostas por este artigo, é importante que o etnógrafo realize uma modulação dos documentos, isto é, o autor ressalta o caráter de construção da apresentação destes.

A descrição de uma viagem que ele efetivamente acompanhou do início ao fim está no capítulo XVI, sem interrupções para as explicações a respeito das instituições e mitos formadores do *Kula*. Esta viagem foi realizada na direção contrária da expedição anterior, isto é, de Dobu a Sinaketa. Malinowski explica que foi primeiro necessário dissecar a anatomia da instituição *Kula* para posteriormente proceder a uma observação direta e ininterrupta, na qual o leitor já possui elementos para entender o processo de forma global. Em seu esforço sintético, ele organiza uma tabela para mostrar a coordenação dos movimentos e eventos da expedição, caracterizando-a como um elemento útil de apreensão do conteúdo para o leitor. Este capítulo por si é aqui considerado como uma importante subdivisão na obra de Malinowski, uma vez que apresenta o relato etnográfico, sem as suas típicas paradas para argumentações sociológicas. O autor argumenta a partir daquilo que acompanha e não a partir do esforço metodológico de síntese do material nativo. Isto é, mostra mais uma vez que, em realidade, a busca pelo “espírito” nativo guia as modulações necessárias para tanto, mais do que um modelo metodológico previamente elaborado. Portanto, os procedimentos metodológicos devem orientar e não prescrever a observação da realidade.

Nos cinco próximos capítulos, alguns elementos que não foram descritos são retomados, sendo este o objetivo do quarto conjunto de capítulos proposto por este artigo. No capítulo XVII, Malinowski apresenta uma síntese do material sobre magia, uma vez que é uma das principais forças sociológicas que organizam os esforços econômicos do *Kula*. Este capítulo é organizado de forma a reunir todo o material disperso sobre a magia no *Kula*, isto é, realizar

a síntese do material com comentários etnográficos, almejando chegar a uma teoria geral da magia, que pode ser confirmada pela observação direta. A partir da premissa de que o poder da magia é uma “propriedade inerente a certas palavras, pronunciadas juntamente com a realização de certas ações, por uma pessoa que está qualificada a fazê-lo (...)” (*Idem*, p. 308).

No capítulo XVIII, foi realizada uma análise linguística de dois textos mágicos e um levantamento das espécies de palavras que exercem poder mágico. A palavra, neste contexto, não é apenas um instrumento de análise, mas também um objeto de análise. De acordo com o autor, a magia não é simplesmente uma narrativa, mas um instrumento de poder, possuindo significado na medida em que age sobre os homens. Daí a importância da performance e a sua leitura contextual. Ao passo que no capítulo XIX, trata do *Kula* terrestre, considerado subsidiário ao *Kula* marítimo. O *Kula* terrestre pode ser realizado entre duas comunidades *Kulas* contíguas, mas distintas (como, por exemplo, Kiriwina e Kitiwava, cuja expedição específica o autor descreve no capítulo seguinte) ou no interior de uma comunidade *Kula*. No capítulo XXI, o autor afirma que é preciso “fechar o anel do kula com uma descrição de suas partes restantes” (*idem*, p. 355). Estas são o comércio e as expedições regulares para pontos fora do circuito *Kula*. Malinowski tem o cuidado metodológico de afirmar que as informações contidas nesse capítulo não foram coletadas por meio da experiência, como em todos os outros capítulos sobre o *Kula*, mas são frutos de uma investigação superficial.

Finalmente, fazendo jus ao procedimento metodológico de Malinowski, o capítulo XXII é uma síntese do *Kula*, atingindo, assim, o objetivo: explicar a “atitude mental dos nativos” subjacente aos costumes inseridos nessa instituição. Na separação da narrativa de Malinowski proposta por este artigo, o último capítulo representa também a última subdivisão da obra analisada. O autor comenta alguns importantes aspectos do *Kula*, tais como a enorme extensão sociológica e geográfica do empreendimento; o caráter de transação que é a sua substância; a “atitude mental dos nativos” em relação aos símbolos trocados que cria o desejo competitivo, suscitando distinção social e renome, mesmo que os símbolos de riqueza não sejam usados como moedas. Ademais, comenta a respeito da equivalência dos objetos trocados, que é o dogma central do ato de troca, a indissociabilidade entre economia e magia, a fronteira entre o elemento comercial e o cerimonial. O autor menciona ainda a possibilidade de o *Kula* – ou instituição equivalente – ser

encontrado em outros contextos, hipótese gerada por sua amplitude social, cerimonial e econômica.

O narrador e etnógrafo

Um dos grandes desafios para qualquer texto antropológico é o momento de tradução da experiência de campo para a narrativa, isto é, a construção do texto etnográfico. Malinowski opta por iniciar com os capítulos que oferecem o *background* para o conhecimento da instituição *Kula* em *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Ali, o autor descreve de forma pormenorizada o quadro geográfico no qual a expedição ou a preparação da mesma se encontra. Ao seguir o movimento da viagem, Malinowski constantemente interrompe, em um primeiro momento, o fio descritivo para oferecer explicações sociológicas, sendo que o livro é organizado “retalhando” uma viagem *Kula* para posteriormente observá-la em sentido inverso em um só fôlego.

O elemento da viagem é crucial, possuindo diferentes temporalidades ao longo da narrativa, seja esta aumentada durante os primeiros capítulos ou condensada no capítulo que representa a viagem de Sinaketa a Dobu. Desta forma, no livro tem-se, no primeiro momento, uma proposição sobre como a viagem antropológica deve ser realizada (introdução) e, posteriormente, a descrição pormenorizada da expedição em seus elementos geográficos e sociológicos, em tempo ampliado, de forma a demonstrar todos os detalhes à exaustão. Em seguida, é realizada uma viagem sem interrupções reflexivas no sentido inverso, costurando os fios que conformam a instituição e já são de conhecimento do leitor para que o autor possa realizar nos próximos cinco capítulos algumas descrições ainda não completamente detalhadas ou sintetizadas, finalizando com um capítulo síntese de toda a obra. Isto é, a viagem reproduz a aproximação do etnógrafo, sendo necessário esse deslocamento físico e analítico para a produção da compreensão do “espírito nativo” de modo menos modelar e mais modulado a cada fôlego metodológico e narrativo.

Na obra, Malinowski por vezes aparece como um observador onisciente, não explicitando o processo pelo qual chegou às conclusões apresentadas, o que atendia ao estilo científico do momento histórico em que escreve. Ao passo que na maior parte dos momentos, o autor se inclui no texto e faz parte da construção narrativa, estilo este que se impõe e o aproxima de suas observações.

Para utilizar as noções propostas por este artigo, no primeiro caso o autor estaria construindo modelos e no segundo modulações. Um exemplo de seu primeiro movimento é o seu (não)lugar na maioria das cerimônias apresentadas ou no modo como acompanhava as viagens marítimas, junto ou longe dos nativos. No entanto, em outras passagens, o autor pincela observações diretas com as suas impressões, como no capítulo VIII, quando conta que fez uma viagem de barco sozinho, depois de um dia de muito trabalho nos estágios iniciais do *Kula*. Assim, ele pôde ver que, como os nativos de Trobriand, aqueles de Guamasila que haviam partido para o *Kula* na manhã do mesmo dia estavam sentados em uma praia há pouca distância da aldeia de onde haviam se preparado para ir. Outro exemplo relevante de sua interação explicitada com os nativos é aquela já mencionada no capítulo X, quando ele adoce e sua enfermidade é explicada pelos nativos como efeito de um “chute” de uma bruxa voadora, pois ficava perto da plataforma de canoas, onde era advertido pelos nativos a não permanecer. Por meio de um ritual, foi realizada a cura do autor que, mesmo duvidando da relação entre causa e efeito nos procedimentos nativos, faz o registro na etnografia, sem lançar mão de juízos de valor.

Ressalte-se que o processo da viagem em si – desde o conhecimento da compleição física das tribos que habitam as ilhas Trobriand, passando pelas suas divisões de trabalho, posições de chefia e ornamentações festivas para o grande sistema de trocas que abrange a maioria das ilhas – é mais detalhado pelo etnógrafo do que o momento mesmo da troca ritual. Isto porque esses momentos anteriores à troca fornecem a “carne” e o “sangue” procurados pelo autor; daí a necessidade de percorrer esse caminho metodológico, uma espécie de estratégia adotada seguida por Malinowski. Nesse contexto, o suposto clímax – as trocas dos objetos do *Kula* – acaba não se revelando como o momento mais importante da narrativa.

Desta forma, o clímax em *Argonautas do Pacífico Ocidental* é, de certo modo, um anticlímax. Ao compararmos o elemento da viagem e movimento desta obra com *No coração das Trevas*, de Joseph Conrad (2008), ficam evidentes as diferenças entre as mesmas. A obra de Conrad exercita uma viagem com implicações pessoais e não acompanha uma expedição ritual de um povo, tal como a de Malinowski. Assim, aquilo que é mais relevante, ou seja, o clímax da viagem em *No coração das trevas* é o encontro com Kurtz e suas palavras a respeito do horror, isto é, o estranhamento ocorre somente

após visitar as trevas. Ao passo que em *Argonautas do Pacífico Ocidental*, o objeto de estudo é modulado por meio da viagem, sendo o esperado clímax a culminância de uma síntese possível dos elementos nativos observados e da análise construída sobre os mesmos. No entanto, não há reificação do *Kula*, sendo essa instituição apresentada como os vínculos e pontos de fuga do circuito de trocas modulados a partir das expedições acompanhadas.

As análises mais comumente relacionadas a esta obra de Malinowski caracterizam a “totalidade” como um “dado” da natureza humana e não um “objeto construído” pelo escritor. Nesse sentido, Clifford (1998) situa a obra de Malinowski como “moderna”, na qual a representação da realidade para o autor de “Argonautas” assume a posição de um objeto de estudo “dado” e não construído. No entanto, neste artigo, defendo que em “Argonautas”, a travessia narrativa, na qual estão conjugados os modelos e modulações, é mais importante do que o momento da chegada – o (anti)clímax da transação ritual dos objetos, isto é, o objeto de estudo vai sendo construído ao longo da narrativa.

Além disso, a marcação da viagem com seus inúmeros detalhes tem a ver com o marco literário da narrativa de Malinowski, que também oferece rigor às proposições do autor. Fórmulas repetidamente utilizadas por Malinowski como “imagine o leitor” são recursos narrativos que têm o objetivo de especificar uma determinada experiência e não apenas alegorias discursivas, bem como as descrições das paisagens que observara. O recurso de descrição de paisagem, tal como se o próprio leitor estivesse fazendo uma “visita imaginária à aldeia”, pode ser exemplificado com a passagem a seguir:

(...) Às pessoas que não estão acostumadas às paisagens do Pacífico Sul é bem difícil dar uma ideia dessa festa de cores, da brancura tentadora das praias, de um lado cingidas pelas árvores da selva e palmeiras e, de outro, pela espuma branca e pelo azul do mar. Acima das praias, alteiam as colinas, em grandes sulcos de verde claro e escuro, ensombradas no topo por uma névoa esgarçada e tropical (*idem*, p. 39).

Após sua célebre descrição da desolação com a partida da canoa que o havia levado à ilha – ao ser deixado em uma terra da qual não conhece a língua, os costumes, e sem a presença confortadora de outro “homem branco” –, o autor inicia o trabalho etnográfico. Essa construção narrativa é utilizada

em outros trechos do livro de Malinowski, quando ele convida o leitor a experimentar aquilo que observava, trazendo minúcias importantes para a formação de uma imagem mental, tal como ele presenciara. É relevante a passagem em que Malinowski salienta: “Na etnografia, o autor, é ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador” (*idem*, p. 18), isto porque o etnógrafo deve explicitar o que observa para “moldar” as suas fontes nativas de informação em material científico.

Também é relevante marcar que em outros momentos do texto Malinowski utiliza fotografias para mostrar situações por ele explicadas na forma escrita; estas imagens não podem ser consideradas apenas recursos subsidiários; com a sua inserção, o autor objetiva ajudar o leitor a perceber em qual cenário se desdobram os costumes nativos que está descrevendo. Nas palavras de Malinowski:

Tenho procurado mostrar como o nativo realmente vê o cenário de suas ações, descrever suas impressões e sensações relativas a esses lugares, de forma como as pude perceber em seu folclore, em suas conversas na aldeia e em seu comportamento ao atravessar esses locais (*idem*, p. 224).

Assim, a própria paisagem vai sendo alterada diante do observador/pesquisador, refletindo na organização da obra que transporta o leitor para a viagem, sendo guiado para aproximações do objeto por novos ângulos e deslocamentos. Mesmo fiel ao procedimento metodológico de uso contínuo da síntese, esta abre a cada momento novas possibilidades; o método de Malinowski vai sendo operado de modo complexo ao longo do livro. A síntese do processo que descreve sempre é diferente da anterior, a modulação do discurso escrito produz novos significados em relação ao que foi observado anteriormente.

Considerações finais

À guisa de considerações finais, busco modestamente utilizar o procedimento metodológico de Malinowski para propor uma síntese do material analítico apresentado neste trabalho, ainda que esta, tal qual trabalhada pelo autor, ofereça possibilidades em aberto de interpretação. Uma das questões principais da antropologia é o trânsito do contexto em

que o autor esteve para aquele onde escreve o texto. Neste artigo, o objetivo é mostrar que Malinowski empreende movimentos narrativos que desmontam a ideia de representação fiel da realidade nativa por meio de uma construção assimétrica da relação sujeito-objeto, na qual apenas o etnógrafo é capaz de fornecer a “atitude mental” e a síntese final dos costumes nativos. Isto é, ainda que modelar em determinadas passagens ou comumente lido como prescritivo na Introdução, na maior parte do texto, a narrativa malinowskiana de *Argonautas do Pacífico Ocidental* é modular, trabalhando as expedições do *Kula* sob diferentes óticas e temporalidades.

Para analisar *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, dividi a obra em cinco principais segmentos. O primeiro deles, seguindo a Introdução que apresenta os princípios metodológicos do autor, é o *background* da obra que compreende os capítulos I a VI, isto é, o “esqueleto” do livro, indicando os elementos que serão discutidos durante os próximos capítulos. No capítulo VII, a sua viagem de Sinaketa a Dobu como procedimento metodológico e recurso narrativo tem início, desdobrando os elementos que conferem “carne” e “sangue” à vida nativa, até o capítulo XV. Depois de autor ambientar o leitor com esses elementos, o capítulo XVI é relevante, uma vez que empreende a viagem de forma contínua em direção inversa àquela observada no conjunto de capítulos anteriores. O quarto segmento de capítulos, que abrange do XVII ao XXI, representa o esforço de Malinowski para explicar cientificamente alguns elementos ainda não devidamente abordados, de acordo com seu crivo.

A síntese da instituição *Kula* é oferecida no último capítulo, no qual o etnógrafo, por meio da análise de todos os conteúdos anteriores, é capaz de atingir a “atitude mental dos nativos”, fornecendo o “espírito” que guia a vida cerimonial dos mesmos. Desta maneira, fornecer “o espírito” para a descrição que já contém “carne e sangue” significa empreender uma comunhão com o espírito nativo, compreendendo o processo psicológico do *Kula*. Para tanto, é necessário realizar viagens metodológicas menos modelares e constantes revisões narrativas abertas a outras possibilidades de interpretação. Como foi salientado anteriormente, em “Argonautas”, a travessia narrativa é mais importante do que o momento da chegada – o (anti)clímax da transação dos objetos.

Portanto, Malinowski não utilizou um “pacote fechado” para descrever a experiência etnográfica em *Argonautas do Pacífico Ocidental*, e sim procurou readequar, paulatinamente, o método às novas possibilidades que as sínteses

(parciais) oferecem, ao longo da obra, a partir do seu material de pesquisa. Ou seja, o autor se propõe a criar um modelo para observar o campo, mas o resultado final de sua obra não é uma síntese modelar, mas a incorporação do movimento que modula a sua etnografia, ainda que na estática inerente ao texto finalizado.

Referências bibliográficas

- CONRAD, Joseph. *No coração das trevas*. São Paulo: Hedra, 2008.
- CLIFFORD, James. Sobre a automodelagem etnográfica: Conrad e Malinowski. In: GONÇALVES, J. R. S. (org). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1998. p. 100-131.
- GEERTZ, Clifford. “Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita”. In: *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2002.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Editora Abril, 1984.
- MARCUS, George & Cushman, Dick. Ethnographies as Texts. **Annual Review of Anthropology**, Vol. 11, p. 25-69, 1982.

RESUMO

No prefácio de *Argonautas do Pacífico Ocidental*, James Frazer identifica duas formas de descrever a “natureza humana” – uma que apresenta os personagens de forma parcial, tal qual realizado por Molière e outra que identifica a “totalidade” dos personagens, citando como exemplos Shakespeare e Cervantes. Este artigo tem como objetivo aplicar à obra de Malinowski estas duas leituras de “natureza humana”. A partir dessa diferenciação proponho duas noções – “modelo” como a forma descritiva caracterizada pela parcialidade e “modulação” como o estilo que aborda a “totalidade”. Guiado por essa questão principal, o artigo aborda as orientações metodológicas do autor, bem como fornece uma leitura de sua obra, levando em conta principalmente as diferentes temporalidades das construções narrativas dos capítulos de “Argonautas”.

Palavras-chave: Argonautas do Pacífico Ocidental, narrativa, antropologia e literatura.

ABSTRACT

In the preface of “Argonauts of Western Pacific”, James Frazer identifies two ways to describe “the human nature” – one that presents the characters in a partial way, as conducted by Molière and another that identifies the “totality” in the characters, citing Shakespeare and Cervantes as examples. This paper aims to apply to Malinowski’s work these two forms of “human nature”. From this differentiation I propose two notions – “model” as the descriptive form characterized by partiality and “modulation” as the style that approaches the “totality”. Guided by this main question, the paper approaches the author’s methodological orientations, as well as provides a treatment of this work, taking into account mainly the different temporalities in the narrative constructions of the “Argonauts” chapters.

Keywords: Argonauts of the Western Pacific, narrative, anthropology and literature.

Recebido para publicação em julho/2013.

Aceito em novembro/2013.